

HIPERSONIA — CRÔNICA

ALINE VALEK

Índice

HIPERSONIA CRÔNICA 3

Prefácio 7

I. 10

II. 13

III. 16

IV. 19

V. 22

VI. 26

Epílogo 28

Extras 31

Agradecimentos 38

Contato 39

HIPERSONIA CRÔNICA

Aline Valek

2ª edição

2014

Uma publicação:



Livre da Gaiola



Este trabalho está sob uma **Licença Creative Commons**. Você pode compartilhar (copiar, distribuir e transmitir) e modificar (usar trechos, traduzir etc) este trabalho, desde que: atribua devidamente a autoria da obra original; não use o original ou derivados para fins comerciais; e, se você alterar, transformar ou criar uma obra derivada, você deve distribuir o trabalho resultante sob uma licença similar a esta. Faça bom uso.

Saiba mais sobre esta Licença CC:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0>

Hipersonia Crônica

2ª edição – 2014

Aline Valek

alinevalek.com.br

CAPA E FOTOS

Marcos Felipe

marcosfelipe.com.br

ILUSTRAÇÕES

Douglas Reis

douglasreis.com.br

PREFÁCIO

Alex Luna

tarrask.com/wkt

Prefácio

“In the following pages, I shall demonstrate that there exists a psychological technique by which dreams may be interpreted and that upon the application of this method every dream will show itself to be a senseful psychological structure which may be introduced into an assignable place in the psychic activity of the waking state. I shall furthermore endeavor to explain the processes which give rise to the strangeness and obscurity of the dream, and to discover through them the psychic forces, which operate whether in combination or opposition, to produce the dream. This accomplished by investigation will terminate as it will reach the point where the problem of the dream meets broader problems, the solution of which must be attempted through other material.”¹

- Sigmund Freud

Dizer que os sonhos não têm lógica é o mesmo que dizer que não há estrutura em uma história. É o leitor culpar o arquiteto de uma narração pela própria incapacidade de ver as bases, a estrutura e de entender a decoração do edifício do conto. Há uma lógica, frequentemente perversa, nos sonhos, e um motivo por trás de qualquer narrativa. E mais comum do que gostaríamos, essas quimeras, lúcidas ou adormecidas, trazem realizações e segredos que nem sempre gostaríamos de entender, por medo ou covardia.

Aline Valek sonhou com a China para escrever Hipersonia Crônica. A história, uma nouvelle que nos faz repensar os efeitos da consciência, da -aparente- realidade em que vivemos e da cafeína que propulsa o cotidiano de quase todos os leitores, é pra ser lida rapidamente, depois de um almoço de domingo, com pálpebras pesadas e o estômago mais irrigado por sangue que o cérebro.

Seu protagonista é um Zhuang Zhou oprimido pelo sonho de comer uma colega de trabalho e pela dura realidade de não ter horas suficientes no dia para cumprir todas as obrigações às quais se propõem. Começa a alucinar, a enxergar um mundo mágico do qual não quer, ou não pode escapar. O leitor fica preso dentro de Jonatan, passa a história na dúvida se vai caçar a borboleta ou questionar um sábio chinês sobre o quê é verdadeiro e o quê é falso. Um Machado de Assis taoísta. Por trás de um fato banal como uma reunião de trabalho – a maior forma de tortura eticamente aceita pela civilização ocidental – Aline encontra espaço para mostrar a busca pela força e a resistência necessárias ao protagonista para atingir o autocontrole. Jonatan é, como todos nós, um prisioneiro do tempo em que vive.

Como típica leonina, Aline Valek escreve com força, paixão e brilho, mostrando ao leitor um questionamento universal e humano, trazendo do submundo de Morfeu uma brasa que foi chama e

hoje é somente dúvida. Do mesmo jeito que em Hipersonia Crônica, na vida real, a fronteira entre fatos e ficção é tênue ao ponto de duvidarmos até se Aline é autora da história, ou se simplesmente está narrando um sonho.

Mas tenha cuidado, meu doce príncipe, ao ler Hipersonia Crônica com sono. Você pode cochilar e acordar com uma caixa de Pandora nas mãos.

Alex Luna

Miami, Julho de 2013

1. Freud, Sigmund. The Interpretation of Dreams the Illustrated Edition, Sterling Press 2010, page 9.

“I love sleep. My life has a tendency to fall apart when I’m awake, you know?”
- Ernest Hemingway

I.

Meu relógio já não despertava há duas semanas. Algumas vezes, do outro lado de um sono profundo, eu acreditava ouvir uma musiquinha irritante, que eu não sabia de onde vinha, mas sabia bem que não era do meu celular. O despertador do quarto menor era tão velho que não era possível ser ele a fonte do ruído digital; e, de qualquer forma, ficava tão longe que não fazia diferença se o som vinha dele, já que eu não conseguiria desligá-lo para dormir de novo.

Dormir de novo. O café na caneca sobre minha mesa no escritório já não estava mais quente e eu ainda não tinha conseguido falar com o gerente de desenvolvimento. Na terceira vez que liguei, a secretária reconheceu minha voz e lamentou por ele ainda não ter voltado, quem sabe às três. Desliguei com um muito obrigado, mas fechei a pasta e empurrei-a para o centro da mesa, totalmente desmotivado.

“Não precisa ficar emburrado. O pagamento sai amanhã, já confirmei com a Marina.”

Ser surpreendido no bebedor pela Karen não era exatamente o que eu considerava o ponto alto do dia. Mas de qualquer forma, Karen era dona do sorriso mais convincente da empresa – o que justificava o fato de se sair muito bem como agente comercial – e além do mais, as pernas dela ficavam ótimas sem meia-calça.

Sorri meio rendido, e passei para ela um copo de plástico.

“Não estou preocupado com o salário. Se eu não conseguir cumprir os prazos, o que me preocupa é meu emprego.”

“Problemas com a Saicom?”

Em resposta, engoli a água de uma forma que parecesse afirmativa. Ela continuou:

“Você sempre dá um jeito. Sabe como é, às vezes a gente acaba trocando uma boa noite de sono pela satisfação do nosso cliente.” O batom dela ficou impresso na borda do copo quando terminou de beber a água. Naquela hora eu poderia ter falado, mas parecia que não estou dando o máximo de mim para alcançar as metas, ou que eu não me importo, ou que estou deixando a minha vida pessoal interferir demais no trabalho, ou ainda qualquer coisa do tipo. Afinal, por que ela diria exatamente aquelas palavras? “Uma boa noite de sono”? Tudo o que consegui fazer foi sorrir meio sem graça e acenar a cabeça de forma simpática.

Decidi levar trabalho para casa depois de me reunir com os desenvolvedores e perceber que as coisas realmente não iam como o meu cronograma previa – o que significava basicamente que eu iria me foder na reunião de sexta-feira. Preparei uma boa garrafa de café depois de jantar uns restos de frango e arroz que dormiram na geladeira. Munido da caneca que seria a minha companheira, espalhei as pastas e outros documentos sobre a mesa e abri no computador o arquivo dos relatórios analíticos. Tanto trabalho era desanimador, mas as horas estavam a meu favor: ainda eram oito e meia. Com sorte, eu conseguiria redesenhar o projeto até às quatro da manhã.

Rascunhava nervosamente e já era a segunda caneca que ficava vazia. Em algum lugar lá fora, alguém ligou o som. Mas eu não conseguia ouvir direito qual era a música, não passava de um ruído distante. Servi outra caneca sem tirar a ponta do lápis do papel ou os olhos do computador. Até ali, estava indo bem.

A terceira caneca estava ficando vazia e fria. As partes brancas da tela do computador já estavam

ficando embaçadas e as letras, embaralhadas. Ia começar de novo e eu não podia acreditar que eu iria cair tão fácil. Não depois de três canecas cheias de café.

“A coisa tá feia por aqui.”

Foi a primeira coisa que ouvi, enquanto tentava subir a larga avenida diante da residência presidencial. Percebi que seria impossível passar, a não ser que eu fosse da polícia. Eles pareciam ocupados tentando conter a violenta manifestação contra o aniversário do presidente.

Um carro de bombeiros passou a toda, derrubando a barreira policial. Atropelou alguns policiais e civis ao se jogar contra a parede do palácio e começou a disparar macilentos tomates – vermelhos e brilhantes como a lataria do caminhão – contra os guardas da república. Estes tentavam a todo o custo ficar parados em posição de sentido, como manda o figurino, embora polpa de tomate já escorresse em suas caras.

“Eu não tenho nada a ver com isso, só estou tentando passar e ir trabalhar”, eu disse aos berros, para que pudesse ser ouvido em meio ao tumulto pelo cinegrafista ao meu lado. Ele gritou em resposta:

“Trabalhar? Hoje é aniversário do presidente, feriado nacional!”

Achando muito estranha e desconfortável toda aquela situação, peguei meu telefone e tentei ligar para alguém conhecido que pudesse me dizer que dia era. Estabelecer uma ligação com o meu irmão foi o suficiente para descarregar o restante de bateria daquele meu celular vagabundo, e eu ali, preso em meio a uma multidão enfurecida e arremessadora de tomates.

Uma buzina e um cantar de pneus. Achei que seriam a última coisa que eu ouviria em vida, acompanhados da visão de um mégane prata em alta velocidade vindo na minha direção. Minhas pernas tremeram, mas consegui pular para trás, no que pareceu a tentativa mais patética de se desviar de um veículo em rota de colisão.

“Jonatan, vim te buscar! Temos que ir ao escritório!”

Karen agilizou a minha entrada no carro; tão logo as portas fecharam novamente, disparou pela estrada parecendo um carrinho de controle remoto desajustado.

“Mas o que você está fazendo? Se você passar ali no meio eles vão atirar na gente! E não vai ser com tomates!”

Meu desespero era óbvio pelas gotas de suor que escorriam da minha testa e se acumulavam na gola da minha camisa de terça-feira (definitivamente, era a camisa de terça- feira), mas Karen ignorou meu apelo e passou pela barreira que havia sido escancarada pelo caminhão de bombeiros terrorista. Os tiros vieram. Abaixei-me exasperado e o carro derrapou; provavelmente a lataria foi alvejada, só esperava que o tanque de combustível tivesse ficado intacto, o preço da gasolina não estava para brincadeira. Aliás... Karen estava com meu carro?

“Karen, você está com o meu carro?”

Ela soltou o volante um momento para ajustar o espelho retrovisor em direção aos seus olhos.

“Desculpa, eu tinha que chegar no escritório o mais rápido possível. E o que você estava fazendo no meio daquela confusão? Ficou maluco?”

Em resposta, fiz minha melhor cara de “me responde você”.

Logo chegamos ao edifício, bem longe do tumulto federal. Desci do carro e segui Karen até o

elevador, esquecendo de ver se o carro tinha estragado muito.

“Não se preocupe, amanhã vai estar como se nada tivesse acontecido”, ela comentou, apertando o botão de nosso andar.

“Afiml, o que você precisa buscar aí dentro, em pleno feriado?”, a ideia do feriado já tinha me agradado o suficiente para eu passar a acreditar nela, mas, de qualquer forma, eu estava com a camisa de terça-feira. Isso não era um bom sinal.

Karen marchou às pressas pelo corredor, seu salto alto estocando no piso liso.

“Se alguém descobrir que as coisas estão fora do lugar, vai dar merda. Se alguém descobrir que Lucile está quebrada... vai dar merda, Jonatan. Das grandes”.

Minhas pernas tremeram novamente sem precisar de um carro vindo me atropelar: eu já tinha ouvido aquele nome. Estive com ela há pouco mais de duas semanas, e não me restava dúvidas: eu estava dormindo.

Acordei sobre um emaranhado de papéis rascunhados e planilhas inacabadas. A luz que machucava minha vista recém-desperta não vinha apenas do computador, agora hibernando, mas sim da janela. Apanhei o celular e praguejei ao ver que, além de atrasado para o trabalho, não havia terminado o projeto.

Fiquei com uma sensação estranha enquanto levantava desesperado para ir ao trabalho. Quem diabos era Lucile?

II.

A manhã foi uma correria. O gerente de desenvolvimento do Grupo Saicom resolveu mandar os relatórios de requisitos do sistema, e só de olhar eu vi pelo menos umas três alterações vitais que fariam os desenvolvedores chiarem como panelas de pressão. Não tive tempo de tomar café, nem lembro se tomei água. Almocei às quatro da tarde depois de uma reunião com a diretoria, que só quis falar sobre recalcular os valores do contrato. E eu cutucando o brócolis em desespero.

“Está ficando realmente inviável, Jonatan. Não podemos contratar mais um desenvolvedor, então veja o que pode ser feito.”

Estendi meu expediente algumas horas para tentar arrumar as coisas, mas só consegui me aborrecer com os e-mails e com os relatórios técnicos. Alguém fez café?

“Jonatan, preciso do seu cronograma atualizado para recálculo do contrato. Beijos, Karen.”

O email dela significava que a decisão havia sido tomada, e estávamos correndo o risco de perder a Saicom. Senti-me culpado. Desatei a gravata e tentei respirar. O cabelo estava acumulando suor nas bordas da testa e afastei-os com as mãos. Na tela do computador, o arquivo do cronograma sorria para mim sem muita misericórdia.

Escritório vazio. No relógio da parede, nove horas da noite.

“Ora, dane-se o cronograma. Vou dar uma volta.”

Fechei a janela do gerenciador de projetos e abri o browser, digitando na barra de endereços a localização do bairro com os melhores barzinhos para workaholics desesperados como eu.

Demorou um pouco para carregar, mas logo apareceu na tela a porta do Vintage Darmont, talvez saído dos anos 30 ou algo assim. Entrei e logo me agradei com o visual do lugar, um belo carpete e luminárias clássicas. Sentei em uma mesa acolhedora perto da janela, com assentos acolchoados em couro vermelho. Acenei para o garçom e pedi para ele me trazer uma dose de uísque.

“Lamento senhor, mas uísque não poderá mantê-lo acordado”, ele advertiu polidamente.

“Então... Traz um café mesmo”.

Enquanto o garçom buscava minha bebida, comecei a ler o cardápio, que tinha aqueles quadrinhos americanos de detetive e suspense que eu adorava comprar quando adolescente. A música ambiente era um jazz tocado ao piano, mas duvidei muito que fosse ao vivo.

“Tudo bem se eu ficar por aqui?”

Era uma moça esguia, mas com uma silhueta atraente por si só. Seus cabelos eram curtos na altura do queixo e seu rosto tinha o tom de uma fotografia sépia já bem esbranquiçada pelo tempo. Eu jamais me esqueceria da roupa que usava: uma camiseta listrada, bem justa. A calça era larga, talvez um moletom grande demais para suas pernas finas. Estava descalça e tinha pés tão lindos que eu quase pedi

para que ela os colocasse em cima da mesa para que eu os lambesse.

“Acho que tudo bem. Você... aceita um café?”

“Eu não preciso, mas obrigada por oferecer.”

Não sei de onde surgiu, não sei quando o garçom me serviu, mas o meu café já estava lá, fumegando como sexo, a fumaça entre nossos olhares. Fiquei sem saber o que dizer.

“Não devia tomar tanta cafeína. Ela se acumula na sua cabeça e, uma hora ou outra, ela tem que sair. Geralmente não é agradável. Qual é seu nome?”

“É Jonatan. Sou gerente de desenvolvimento da... Esqueci. Mas é tipo... algo que... trabalha com tecnologia... sistemas... sabe?”

“Viu só?” ela pareceu se divertir. “Você está cansado. Estou hospedada em um quarto de hotel aqui do lado. Você poderia vir comigo? Me proteger?”

Nessa hora, senti ter respondido que sim em todas as línguas possíveis, só para ter certeza de que ela entendeu. Deixei o meu dólar da sorte na mesa, para pagar o café, e fui com ela. Parecia ter pressa. Ainda saindo do Vintage Darmont, ela me disse seu nome. E soou como piano.

“Lucile.”

Quando o telefone tocou e vi que era uma chamada da Karen, eu percebi que estava tendo um maldito flashback. Vintage Darmont não existia mais desde que as coisas começaram a ficar estranhas. Atendi ainda atordoado e a voz de Karen do outro lado da linha pareceu desconfortável.

“Olá Jonatan! Que bom que atendeu, estou tentando te ligar desde que me mudei para o interior. Fiquei preocupada! Como estão as coisas por aí?”

“Parecem estar bem, ainda não liguei a TV. E a mudança, deu tudo certo?” perguntei ao me levantar e, de posse do controle remoto, liguei a televisão no canal de notícias.

“Foi corrido, mas deu tudo certo. A casa é bem pequena e tem umas crateras enormes no quintal. Nos primeiros dias, estavam saindo dessas fendas no chão umas baratas cascudas, sabe? Maiores que o meu cocker spaniel. Fiquei apavorada. E ainda nem consegui encontrar a caixa com os arquivos do escritório!”

“Espera, Karen... Liga no canal oito. As coisas realmente ficaram feias”.

O apresentador anunciou com um tom de urgência que as negociações foram suspensas e que a União Europeia ia mesmo bombardear o país.

“Não podemos arriscar que a mesma coisa aconteça com o nosso povo. Vocês já saíram do controle e temos que detê-los antes que seja tarde. Sinto muito Brazil, mas a bomba eletromagnética será ativada em 5... 4...”

Filho da puta! Letras vermelhas piscaram anunciando que a bomba iria cair em São Paulo, em

“3... 2...”

Voltei-me para a varanda, onde Spook (o quê o cachorro que eu tinha quando criança estava fazendo ali?) já sentia o cheiro de algo ruim acontecendo, perto da sacada. No horizonte, um clarão e

um estrondo inaudível emudeceram tudo ao redor.

“...1 ...0.”

Corri para a varanda do apartamento e peguei Spook no colo. Do décimo andar, eu já conseguia ver a onda de impacto da explosão se aproximar dali. E a bomba tinha caído a pelo menos 1.200 km da minha casa. Foi o tempo de me virar e proteger Spook com minhas costas, onde recebi toda a carga remanescente da explosão.

Eu morri? Não, tudo parecia bem. Teria sido algum blefe dos malditos europeus? A televisão estava fora do ar e o celular chiando como se tivesse papel sendo amassado do outro lado da linha. Corri até meu telefone fixo, que seguramente não funcionava à base de nada elétrico ou magnético, e disquei para Karen, após um extenso código de ligação para longa distância.

“Céus! Jonatan, você está bem? Desligou o computador na tomada?”

“Quer me explicar que merda é essa que está acontecendo?” gritei apavorado e até cuspi no bocal do telefone, tamanho o nervosismo. “Eles explodiram uma bomba, Karen! Uma bomba! Eu não morri, mas sabe-se lá se estou contaminado com alguma radioatividade ou se meus neurônios vão explodir com tanta carga elétrica!”

“Acho que eles não querem deixar a tecnologia ficar no controle da situação.”

“Eles quem?”

“Agora nada mais vai funcionar. Vai ser como uma grande cidade de interior” ela disse, pontuando cada frase com um bocado de amargura.

Coisa pior ainda podia acontecer, o mundo estava ficando louco. Do outro lado da linha, Karen já havia desligado e o telefone estava fazendo sons estranhos.

Percebi um volume no bolso da frente da minha camisa. Era um envelope vermelho e nele estava escrito em uma caligrafia apressada: “Para quando você precisar se lembrar”. Mas antes que eu pudesse decidir se era ou não hora para me lembrar de seja lá o que fosse, o envelope começou a se dissolver na minha mão.

III.

Lá vai Diego, chegando ao escritório com seus arquivos amontoados embaixo do braço. Eu o invejava. Invejava aqueles olhos que ostentavam a prontidão da cafeína, aquela vivacidade que o deixava com um ar de sagaz. Eu invejava pessoas nas quais a cafeína conseguia surtir efeito.

Acordar havia se tornado uma experiência desconfortável ultimamente; mas não como naquele dia. Despertei meio atordoado, com a sensação de ter deixado algo escorrer entre meus dedos, mas quando me mexi já não conseguia me lembrar de nada. Aliás, não me lembrava como fui para casa depois do serão na noite anterior. Estava ali, estirado na cama de cueca e usando a camisa de terça-feira toda amarrotada, buscando meu celular na cômoda com movimentos desajeitados.

Quantos dias se passaram desde que dormi? Deus, por favor, me diga que não se passou uma semana desde o último serão. Abri o celular e quase fiquei mais confuso ao perceber que eu não estava oito dias atrasado como pensei, apenas dez minutos.

“... temporária. Então optamos por uma solução efetiva, que é longa e complexa, mas pelo menos, não vai precisar...”

No escritório, dificuldades para me concentrar, cansaço, dor de cabeça. Como se eu não tivesse dormido. Como se eu tivesse trabalhado a noite toda – como se sonhar fosse viver um expediente à parte.

“... se a configuração de cadastros do sistema simplesmente parasse. O Grupo Saicom ia ficar no escuro e isso nos traria muitos problemas.”

Ficar no escuro. Espera. Tinha uma bomba no sonho, uma bomba que desativou todo o sistema elétrico do país. Todos os sistemas incomunicáveis. Sistemas. Isso era um sinal?

“... ainda nos resta, Jonatan?”

“Han?”

De repente, toda a sala de reunião estava olhando para mim, e tive que me ajeitar na cadeira para me recompor. Definitivamente, eu não estava prestando atenção.

“Desculpe, não entendi.”

“Em seu cronograma, quanto tempo ainda nos resta, Jonatan?”

Com movimentos desajeitados, remexi nos papéis na pasta que trazia, e após consultá-los como se nunca os tivesse visto na vida, tive que ser o arauto da notícia ruim.

No bebedor, encontrei novamente com Karen. Tentei cumprimentá-la com a mesma cordialidade profissional de todos os dias, mas eu ainda tinha a sensação de que ela era mais próxima de mim do que simplesmente aquilo.

“Parece que você não tem dormido”, ela disse, e senti-me lisonjeado de certa forma: era tudo o que eu queria. “Você tem feito um bom trabalho... embora estejamos quase perdendo a Saicom. E é o maior

cliente da minha carteira.”

“Sinto muito, Karen.” E eu sentia mesmo. Mea culpa.

“Mas... foi um caso complexo. Problemas imprevistos. E fizemos todo o possível” Ela sorriu na tentativa de consolar a si própria e voltou para a sua sala.

“Karen...” ela virou seu rosto em atenção a mim. “Sonhei que você tinha ido morar no interior.”

Ela riu. “Ah, ia mesmo ser bom tirar umas férias longe desse caos. Mas isso deveria estar no meu sonho e não no seu.”

Balancei a cabeça e sorri; devo ter parecido um idiota que conta uma piada sobre si próprio.

“Tenho tido problemas para dormir.”

“Imagino. Quando te liguei ontem à noite, você ainda estava no escritório. E tipo, eram umas onze horas da noite. Desligou o computador como eu disse? O pessoal não tem desligado seus computadores quando saem.”

Espera. Espera. “Espera”, eu disse. “Você... eu... falei com você ao telefone ontem?”

Karen respondeu com o “sim” mais óbvio e desentendido que cabia na situação. E aí eu lembrei que sim, eu havia falado com ela ao telefone. Foi quando ela ligou para falar da mudança para o interior, a cratera com as baratas gigantes e... É, ela tinha dito algo sobre desligar o computador na tomada, mas eu estava sonhando, e ela disse isso por conta da explosão. Cocei o queixo incomodado.

“Liguei sim. Você não se lembra?”

Foi o que ela disse ao servir o café na mesa de visitas. Eu ainda estava exausto. Foi uma longa viagem até ali.

“A última coisa que me lembro”, eu disse ao segurar a alça da xícara e aproximá-la da boca, “é sair do Vintage Darmont para o hotel onde ela estava hospedada. Foi nessa hora que ela disse o nome dela”.

“Jonatan... Escute. Você se lembrar disso não vai mudar nada. Não vai significar nada.” Karen disse depois de sorver um gole do café quente que havia preparado à moda antiga, sem a cafeteira elétrica.

“Então por que você quer encontrar tão desesperadamente os arquivos do escritório? Desde o último feriado você não fala em outra coisa.”

Ela demorou a falar. O café estava mesmo quente.

“Você já teve a sensação de que tudo o que você realmente vive é tão frágil que cabe dentro de uma caixa? Você já teve a sensação de que a realidade que você constrói todos os dias não é mais tangível ou lógica do que os números e anotações sem significado que estão dentro dessa caixa? E de repente essa caixa some, e as coisas começam a sair do lugar, fazendo você perder o controle da sua própria vida, perder o controle das coisas ao seu redor que dependem de você. Porque todas essas coisas sem sentido, Jonatan, quando estavam juntas e guardadas em um lugar que você sabia onde era, embora não precisasse ir lá sempre... todas essas coisas determinavam o quão real você é.” Depois de pousar a xícara novamente, completou: “Cada um com sua própria busca, acho que é isso.”

Essa eu não tive como replicar. Além do mais, ultimamente eu sabia muito bem o que significava não ser mais real. Como se eu não tivesse nada a perder. Em outra realidade, perder a Saicom ou até mesmo morar em um lugar bombardeado poderia até me enlouquecer. Mas ali, sentado diante de uma Karen que não usava traje executivo, tentando encontrar a resposta para uma coisa que me incomodava

simplesmente por eu não me lembrar mais, aquilo sim significava algo.

Acho que estava tomando café demais.

“É o seguinte, Jonatan. Isso simplesmente não vai parar. Você viu até que ponto as coisas chegaram?”

“Sim, perdemos o Grupo Saicom” Ela me olhou de forma estranha, acho que não era isso que ela quis dizer. Então me lembrei dos ataques, do feriado, e da falta de luz. “Ah, claro”.

“Você quer se lembrar, certo? Você tem certeza que quer se lembrar, mesmo que isso não adiante nada?”, ela fez questão de frisar as três últimas palavras, e eu acenei a cabeça em sinal de “não, não é isso”. Completei:

“Eu quero encontrar a minha caixa. E ela se chama Lucile”.

De repente, o gosto do café de Karen sumiu da minha boca. Eu estava diante da piscina, e ainda era cedo. Mas eu estava sozinho, e a casa era enorme – o suficiente para bater aquela isolofobia básica. O letreiro do Grupo Saicom continuava lá, na entrada do casarão de luxo que agora seria meu, pelo menos por uma semana. Na noite do dia anterior, os caras da transportadora haviam terminado de levar as últimas coisas da empresa que costumava funcionar ali. Desde que a luz acabou, muitas coisas mudaram.

Se ainda houvesse energia elétrica, eu poderia monitorar todos os movimentos da casa através das câmeras de segurança, mas agora eu tinha que confiar no meu instinto. Lá fora, um carro havia chegado e parecia querer entrar. Fui até o portão e tive que usar a manivela da caixa de controle para conseguir abri-lo. Era um portão blindado.

Ok, era meu chefe.

“Tudo em ordem por aqui, pelo que parece. Na próxima semana, os outros rapazes vão chegar e conseguiremos arrumar as coisas.”

Ele desceu do carro ajeitando o terno cinza como se fosse um mafioso. O cabelo grisalho e o olhar severo inspiravam respeito.

“Espero que tenha desistido da ideia de voltar ao interior e morar com a Karen, rapaz. Não há muita coisa para você por lá.” Ele deu uma batidinha amigável no meu ombro e entrou na casa.

“Aqui também não. Nem um bom banho quente eu posso tomar aqui. Como nos velhos tempos, sabe.”

Não sei por quê, mas o fato de ele estar ali sozinho comigo me deu arrepios. Seria uma longa semana.

IV.

Achei que depois de deixar o encanamento da casa em ordem, eu devia explorar um pouco as redondezas. O tempo estava sombrio, propenso à chuva, mas não me intimidou. Havia uma área imensa ao redor da casa, deixando mais a impressão de que era uma chácara do que simplesmente um casarão. Atravessando uns trezentos metros de gramado, cheguei à cerca viva que marcava a entrada para outra área do terreno. Abri o portão enferrujado tomado pelas plantas.

As árvores e o mato denso formavam um labirinto, e o ar estava carregado de um cheiro pesado. Lembrei que na parede da sala do casarão havia um mapa e ele indicava que por ali deveria haver um deck; talvez por onde a Saicom desovava boa parte de alguma mercadoria pouco conveniente para ser transportada através da porta da frente. Nem só de decência se sustentam as grandes corporações – a corrupção, que passa pelas menores frestas, acaba chegando a todos os lugares.

E lá estava eu. Grudando no mato e esbarrando nas raízes só para tentar ver com meus próprios olhos esse tal lugar. A madeira do deck rangeu quando meus sapatos pisaram nele. Caminhei em direção à borda do lago frio que se estendia através e além das árvores. A água estava tão escura que até parecia café. Abaixei-me até a borda e deixei as pontas dos meus dedos tocarem a água, que congelou meus braços de tal forma que os recolhi bruscamente após o choque.

“Essa água fica gelada o tempo todo. O senhor imagina por quê?”

Virei em direção à voz rasgada que me assustou, vinda por trás. Era um homem de aparência rude; chegava a ser grosseiro. Barba irregular e crespa, o cabelo escasso e sujo. As mãos grossas com unhas cheias de terra. A camisa desabotoada até a barriga, onde se viam várias cicatrizes em relevo. Rasgos grosseiros. Na mão, uma enxada.

“O senhor devia ter chamado alguém, se quisesse conhecer essas paragens. Às vezes fica difícil voltar... e sempre tem a chance de encontrar um bicho dos grandes por aí.”

“O senhor é o caseiro, eu imagino...?”

“Sim senhor, sou eu mesmo. Meu casebre é logo ali”, ele apontou para algum lugar que devia ficar a quase quinhentos metros dali, na direção contrária do portão por onde vim. Ele continuou: “O senhor aceita um café?”

“Acho que eu preciso.”

E a secretária encheu a minha caneca com aquele líquido negro e fumegante que me fazia sentir tão mais real. A parede da sala de reuniões já estava coberta com vários gráficos e tabelas, e o técnico estava preparando o datashow que ainda mostraria muito daquilo nos próximos minutos.

“Chegou cedo hoje, Jonatan!”

O cumprimento mais sorridente da manhã entrou pela sala, junto com todo o adorável resto de Karen. Ela tocou no meu ombro esquerdo ao passar, e colocou suas pastas e papéis ao meu lado, onde se sentou.

“Estou animada hoje. Vamos recuperar a conta da Saicom e atrair futuros investimentos, se tudo der certo.”

Não me lembro, em toda a minha carreira, de uma reunião tão cansativa como aquela. Slide. Slide.

Interrupção. Perguntas. Slide. Slide.

Baixei a cabeça e busquei um consolo silencioso no fundo da minha caneca. Era o negro do café que eu buscava, mas foi o vermelho do envelope ao meu lado que me chamou a atenção.

Estava ali, metade exposto, metade guardado, dentro da agenda de Karen. Um envelope vermelho. E o pior: era mesmo um envelope vermelho, um maldito envelope vermelho. Quase pude senti-lo se dissolvendo novamente em minhas mãos se eu tentasse pegá-lo. Mas ele continuou ali, e eu não poderia pegá-lo sem ser no mínimo inconveniente. Mas o que ele estava fazendo com Karen?

Fiquei ainda mais ansioso para sair dali. Quando a reunião deu mostras de chegar ao fim, eu até parecia envolvido e agitado com as estratégias da reta final dos trabalhos.

Ao me levantar para recolher meus materiais, aproveitei a distração geral para recolher a agenda de Karen junto às minhas coisas. Devolveria em seguida, com a desculpa de ter pego por engano. Sei lá. Mas eu precisava ver aquele maldito envelope. Então saí rápido da sala.

Não havia caligrafia feminina do lado de fora dizendo “Para quando você precisar se lembrar”. Mas, quando abri o envelope, acredito que me lembrei.

Teatro Municipal. Dois ingressos para a apresentação da Orquestra Filarmônica no próximo domingo. Tchaikovsky. Iriam apresentar o melhor da obra de Tchaikovsky. Eu sentia os ingressos de forma bem real em minhas mãos, mas a sinfonia que comecei a ouvir vinha de dentro da minha cabeça. E começou a parecer real também.

“Você poderia vir comigo? Me proteger?”

Ela disse que iríamos ao hotel onde ela estava hospedada, mas aquela era a minha casa, a minha cama; ou pelo menos se parecia bastante.

Estava tudo escuro, mas havia música esgueirando pelos cantos vazios do quarto. De onde vinha? O som parecia ligado, mas eu não conseguia ouvir direito qual era a música. Não passava de um ruído distante. Mas o rosto de Lucile se iluminou. O que era aquilo?

“Gosta dessa música?”

Ela sorriu, e estendeu suas mãos para mim. Seus pés descalços começaram a esboçar movimentos graciosos e leves para acompanhar o som que ficava mais alto, preenchendo o ambiente com força. Segurando as minhas mãos, ela começou a dançar em volta de mim, e eu ali, como um idiota atordoado, acompanhando os movimentos e girando em torno do meu próprio eixo. Estático como uma múmia. Admirado como uma criança.

“É Tchaikovsky. Ouça como é vigoroso esse som; são como várias coisas se movendo e se misturando, tornando a música mais real. Mas tirando qualquer parte dela... deixa de fazer sentido, não acha? Presta atenção... é... incrível...”

Sim, era Tchaikovsky. E aquela música não me parecia estranha, agora que eu estava envolto nela. Trouxe Lucile para perto de mim em um movimento involuntário e inconsequente. Acaricieei seus cabelos, suguei o cheiro bom que vinha deles e encarei aqueles olhos brilhantes e enigmáticos. A distância dali para um beijo não foi muito longa.

Ela sussurrava, mas eu só conseguia pensar na música. E continuei pensando, mesmo quando ela começou a desabotoar minha camisa de terça-feira. Definitivamente, era minha camisa de terça-feira.

E, definitivamente, aquela música era Sleeping Beauty.

Meu celular tocou, vibrando sobre a cômoda onde eu o havia deixado. Fui impelido a atendê-lo, abandonando os braços macios de Lucile.

“Alô?”

Era meu chefe, não podia deixar de atender. Ela ficou me olhando reticente. Ouvi com atenção o que ele tinha a dizer e desliguei. Ela ficou em alerta; acho que me denunciei com meu olhar tenso e baixo.

“Você disse que poderia me proteger. O que está havendo?”

“Me desculpe, Lucile, mas eu preciso ir.”

“Ir? Do que você está falando?”

O olhar dela era de quem não conseguia entender como alguém podia trocar uma noite especial com Tchaikovsky por qualquer outra coisa que seja. Mas era um chamado da Saicom, o que eu podia fazer?

Vesti a camisa procurando não olhar para Lucile. Era uma situação embaraçosa. Ela estava imóvel e desolada como uma estátua, bem no meio do quarto. De repente, eu nem me lembrava mais que há meio minuto o ambiente estava cheio de música. Não tive certeza se devia abraçá-la ou dar um beijo de despedida, nunca fui muito bom nisso. Tirei meu cartão de visita do bolso da camisa e entreguei a ela.

“Fica com isso. Para você saber onde me encontrar quando precisar.” Talvez tenha sido uma ideia idiota, pois ela o segurou entre os dedos como algo inútil.

Antes que eu chegasse à porta, ela tocou em meu braço com aquelas mãos etéreas. Pediu para eu esperar. Tirou a blusa, a blusa listrada, com um gesto lento que fez o tecido se arrastar pela pele e pelos seios pequenos até sair pela cabeça, desarrumando os cabelos levemente. Queria ter visto em câmera lenta, mas não sabia onde estava o controle remoto.

Lucile, de torso nu, levou suas mãos até o centro de um eixo imaginário bem abaixo dos seios, onde começou a dedilhar a própria pele à procura de algo. As pontas das unhas encontraram uma ranhura na pele e na carne, funda o suficiente para que ela puxasse e abrisse como uma tampa. Uma tampa de plástico. Na parte de dentro, um compartimento com dois pequenos cilindros azuis que até pareciam pilhas. Mas como eu podia ter certeza? Eu estava atrasado, tinha uma mulher nua na minha frente, com o peito aberto como se fosse um brinquedo de plástico, então não me importava o que aquelas coisas poderiam ser.

“Leve isso. Você vai precisar, para não ter mais problemas com o café.”

V.

Já fazia mais de duas semanas que eu não conseguia ter uma noite decente de trabalho. E agora era o segundo dia que eu trabalhava como um louco, virando a madrugada e tudo, com direito a chegar no escritório ostentando nos olhos a prontidão de uma noite insone, com as pastas abarrotadas de arquivos e relatórios embaixo do braço. Ou foi resultado da última reunião, ou foi simplesmente eu ter me lembrado de algo que me incomodava simplesmente por eu ter esquecido.

Fui à sala de Karen devolver a agenda que deliberadamente peguei por engano e tentei parecer interessado nos relatórios e emails impressos da Saicom sobre os quais ela estava debruçada, trabalhando em ritmo igualmente alucinado. Mas eu estava só procurando uma forma de puxar assunto.

“Uma bagunça, não é? Tenho que preparar muita coisa para a reunião de amanhã com o diretor da Saicom.”

Eu ficaria mais, se ela não tivesse tanto trabalho. E se o meu ramal não estivesse tocando estridentemente enquanto eu estava ali parado feito um idiota. Fui atender o telefone.

“Jonatan? Pode passar na minha sala e trazer as tabelas do sistema?”

Dessa vez, eu não precisava ter medo de ir à sala do chefe. Fiquei acordado tempo o suficiente para terminar todo o trabalho.

“Senhor?”

Abri a porta que rangeu agourenta, e entrei na sala improvisada que meu chefe montou para si em uma das suítes do casarão. Mas onde estava ele? Talvez dormindo. Então aproveitei e avancei até a mesa, onde pude dar uma rápida olhada em todos aqueles papéis e plantas espalhados sobre a mesa. Ao me aproximar e ver os detalhes, percebi que o papel maior não era uma planta, mas sim uma tabela de códigos. Códigos com os quais eu trabalhava, portanto eu sabia ler. Códigos que eu sabia ler, mas não eram códigos de sistema nos quais os desenvolvedores trabalhavam. Virei o papel em várias direções para tentar entender. O que era aquilo?

Fiquei cada vez mais atordoado à medida que aqueles códigos iam fazendo sentido para mim. Uma das variáveis foi recalculada depois que a energia foi cortada pela bomba eletromagnética. Algoritmos mostravam desde a saída de Karen da empresa até a chegada de um navio clandestino ao deck a alguns metros dali. Espera. A Saicom tinha um navio? Dessa eu não sabia. Subi os olhos pela planta de códigos, tentando encontrar uma matriz, ou uma constante que seja, qualquer coisa que justificasse aquilo tudo. Estaquei.

“Lucile.”

O nome que soava como piano estava transcrito claramente em linhas de código naquele papel.

“Ei. Você não devia estar aqui.”

Já não bastava a tensão, e agora esse susto. Ao ouvir aquela vozinha, senti o meu estômago chegar bem perto da boca e, no susto, acabei arrastando a mesa um pouco para trás.

“Você é o Jonatan, né?” disse a menor das meninas na entrada da sala, quase pendurada na

maçaneta da porta.

“Claro que ele é”, a maior completou. “Por isso. Não deveria estar aqui.”

Soltei os papéis e fui em direção a elas. “Quem são vocês? Como foi que entraram aqui?”

“A Karen precisa da sua ajuda”, disse a menor.

“Mas você tem que ser rápido. O navio chega amanhã e, se ele for embora, ela nunca mais vai encontrar a caixa dela.”

A caixa da Karen. Sim, a caixa que ela foi buscar no escritório no feriado, mas já tinha sumido. Era uma caixa importante para Karen. Mas eu não conseguia me lembrar por quê.

Acordei com a visão turva, consciente de que eu estava atrasado. Atrasado de novo, merda. Achei que tinha acabado, mas parece que aqueles sonhos e sensações estranhas ainda faziam parte de mim. E por que o meu relógio não despertava mais?

Era terça-feira. Escolhi uma camisa qualquer no armário e fui para o trabalho.

A equipe de desenvolvimento estava toda reunida, e embora o olhar daqueles malucos ainda carregasse vestígios da prontidão da cafeína, pareciam ter um peso a menos sobre seus ombros. Enquanto a primeira reunião sem tensão nas últimas semanas começava, eu servia minha caneca com café forte e quente, indo me sentar em uma das cadeiras no fundo da sala.

Karen chegou junto com nosso chefe e sentou mais à frente. Observei-a através da fumaça da minha caneca, e percebi que ela parecia satisfeita, embora nunca antes aparentasse estar tão cansada como agora.

Não prestei muita atenção na reunião, mas já sabia o que tudo aquilo significava. Estranho eu ficar indiferente a algo que exigiu toda a minha energia mental durante um bom tempo, logo agora que o desfecho surgia de forma tão vitoriosa. A conta da Saicom era nossa novamente. O sistema que fizemos para eles foi um sucesso. Ninguém ia precisar virar noites e quebrar a cabeça com aquela história de novo, era só uma questão de manutenção agora; e de esperar o bônus de gratificação cair em nossas contas bancárias.

Foi no bebedor que encontrei Karen após a reunião. Ela estava com o cabelo preso no alto da cabeça e com um sorriso ainda mais deslumbrante em seu rosto cansado. Cumprimentei-a pelo sucesso na reunião com a diretoria da Saicom, enquanto lhe passava um copo de plástico para ela se servir de água. Disse algo sobre como ela tinha sido fantástica todo esse tempo. Ela me olhou de uma forma admirada, pareceu ficar sem graça. E aí me dei conta que foi um comentário ousado, mas agora não adiantava disfarçar. Em alguma parte, ela era bem mais do que uma colega que eu encontrava eventualmente no bebedor. Além do mais, fiquei com a sensação de lhe dever uma ajuda.

“Jonatan, eu é que devo agradecer por você ter segurado as pontas. Sempre soube que você daria um jeito. E é nessas horas que estar ao lado de pessoas fantásticas como você faz todo o trabalho valer a pena.”

Ela sorriu, tocou no meu braço com aquelas mãos tão reais e terminou de beber a água para voltar à sua sala.

“Karen...”

Ela virou seu rosto para mim, esperando solícita minha vez de falar. Resolvi que se fosse bancar o

idiota como sempre faço, que fosse de uma vez só.

“Na sexta-feira vai estrear uma adaptação moderna das Mil e Uma Noites para o teatro... e pensei se não seria o tipo de coisa que você gostaria de ver... Sei lá, sairmos um pouco desse ambiente, agora que tudo ficou bem. Antes que outro trabalho estressante surja e detone a gente de novo...”

“Acho ótimo! Pode contar comigo!”

E então percebi que o sorriso que ela trouxe no rosto quando entrou ali conseguia ficar ainda maior.

“E por falar em ‘outro trabalho estressante’, já vou te adiantar uma negociação que está em andamento. Você só iria saber na próxima semana, mas o que custa eu te dizer agora, não é?”

“Negociação?”

“Estamos fechando com a Zetech, que é a fornecedora eletrônica do Grupo Saicom. Eles viram o resultado final do que fizemos e adivinha: acham que somos os únicos capazes de fazer um sistema de gerenciamento totalmente novo para eles! Não é incrível? Teremos muito trabalho pela frente, mas tente guardar segredo até lá, ok?”

Ela deu uma piscadinha e saiu, sem perceber que o Jonatan que ela deixou no bebedor virou uma estátua lívida com aquela notícia.

“Ah não.”

Eu precisava acabar com aquilo. Mas agora estava chovendo e Karen estava sabe-se lá a quantos malditos milhares de quilômetros dali, esperando a minha ajuda.

O chão estava úmido e minhas botas afundadas na lama diante do túmulo, no meio da mata. No solo disforme, a grama estava toda misturada ao barro como se tivesse sido mastigada e depois cuspidada. E parecia que iria chover mais.

As duas meninas esperavam ao meu lado apreensivas, sabendo que o tempo era curto. Eu sabia o que devia fazer, mas admito que eu estava com tanto medo quanto elas. Então hesitei.

“Rápido!”, a menor disse, “Antes que chegue!”, a mais velha continuou.

Dei a volta no túmulo e peguei a pá, com a qual experimentei a textura cremosa da terra molhada e pastosa ao redor da lápide, que começou a se mover e oscilar enquanto eu cavava. Antes que eu me desse conta, meus joelhos já estavam de encontro à terra e minhas mãos todas sujas, ajudando a escavar o que a pá não alcançava. Caso alguém perguntasse, eu diria que não se consegue ficar ileso a uma chuva forte daquelas.

Logo elas estavam comigo dentro do buraco raso, usando as mãos pequenas para afastar a lama da caixa de arquivos enterrada. Puxei com força para cima e tirei a caixa do buraco. Elas disseram: “Vamos!”, mas eu disse que ainda podia encontrar, estava quase lá. Se a caixa estava ali, quem sabe ela também estivesse ali... Mais um pouco, e eu podia encontrar.

Achei algumas roupas e também uma arma, pesada demais para ser daquela época, embora estivesse sem munição.

“Não temos mais tempo!”

Coloquei a arma no cós da calça e comecei a cavar mais rápido, mas a chuva estava trazendo a

lama toda de volta para o buraco e alguém que se aproximava fez as irmãs gritarem.

Subi e vi que era o caseiro; a mais nova gritou “papai” com todo o terror que conseguiu reunir no seu pulmãozinho. O homem era um vulto ensopado pela chuva e pela terra, aproximando-se do túmulo com sua enxada nas mãos. Fiquei em pé numa pose meio incerta – pisar sobre tanta lama era mais ou menos como pisar numa cama bem fofa. Tentei correr, mas fiquei preso em uma câmera lenta; ou a lama estava me fazendo afundar, ou ele encontrou o controle remoto.

A agonia de não conseguir fugir só ficou completa quando fui atingido no alto da cabeça pelo cabo da enxada. Caí no chão e senti o gosto da lama com sangue, quando minha boca ficou cheia dos dois. O caseiro caiu em cima de mim e continuou me golpeando, praticamente ignorando meus golpes letárgicos que tentavam impedi-lo. Quando é que se morre? Quando é que se sabe que você apanhou tanto que está morto?

De repente, ele não estava mais em cima de mim, mas eu podia ouvir a voz dele.

“Suas enxeridas... onde estão vocês, suas enxeridas? Vocês queriam tirar ele daqui, mas ele não vai a lugar nenhum agora! Tem muito trabalho a fazer... muito trabalho!”

Não... eu não tenho. Eu já terminei o que precisava fazer, por que eles queriam mais?

Não sei exatamente como, mas no momento seguinte eu já estava erguido, em cima das costas do caseiro, dando murros naquela cabeça desgrenhada até ele cair. A enxada agora estava longe, então ele não parecia tão assustador agora, parecia?

“Eu não tinha que estar nessa maldita casa... A Karen não tinha que estar em outra cidade... A Lucile não tinha que estar quebrada... a merda desse país não tinha que ter sido bombardeado... e eu não tinha que estar todo sujo de lama... BATENDO NUM PORCO FEITO VOCÊ!”

Eu ofegava e praguejava, explodindo a minha tensão naquela cabeça toda amassada. O caseiro não se mexia mais. Em compensação, eu não sentia mais meus braços.

Voltei para o buraco, onde as garotas voltaram a escavar. Juntei forças que não existiam mais em mim para ajudá-las, e logo um braço fino e branco apareceu no meio da grama e do barro. Elas não ficaram tão assustadas quanto eu e continuaram a cavar. O cabelo curto de Lucile apareceu como uma escultura de terra. Afastei a lama dos seios dela, e ali estava a tampa aberta como um brinquedo de plástico.

“Que bom que já desenterrou tudo, Jonatan. O navio já está chegando para levá-la.”

Era meu chefe, chegando atrás do túmulo segurando um grande guarda-chuva preto e usando uma capa de chuva sobre seu terno italiano.

“Seu desgraçado. Era isso que você queria? Acabar com a Lucile, acabar com a Karen, acabar comigo? Tudo por causa da Saicom?”

“Você andou lendo códigos que não devia, pelo que vejo.”

Ainda não fazia muito sentido, então me levantei meio atordoado, pronto para partir para cima dele, já que eu não tinha mais argumentos. E então me lembrei. As pilhas que a Lucile me deu não estavam comigo.

VI.

Duas semanas atrás. Antes das coisas ficarem estranhas, e logo após ter conhecido Lucile no Vintage Darmont. Fui ao escritório quando meu chefe me ligou. Conversamos? Não me lembro, mas ele estava lá. Me deu uma tarefa. Não me lembro, mas era o que ele sempre fazia. Falou pela primeira vez sobre a Saicom? Talvez, não me lembro ao certo. E aí ficou com as pilhas que Lucile me entregou. Não me lembro. Depois disso, não me lembro de mais nada – até encontrar o envelope vermelho novamente.

“Espera. Então... você está com as minhas pilhas.”

Ele riu, desdenhando. “Não são pilhas.”

Que seja. Eu estava com a cabeça sangrando, todo molhado e sujo de lama, tinha uma mulher enterrada com o peito aberto como se fosse um brinquedo de plástico, então não me importa o que aquelas coisas eram.

“Eu não vou deixar você esconder o que fez, levando embora uma parte da Karen... e uma parte de mim, porra!”

“Então vou ter que demiti-lo, Jonatan.”

Demitir? Engraçado. Eu tinha uma arma no cós da minha calça. Se tinha alguém que podia demitir ali, esse alguém era eu. Atirei, esquecendo que a arma estava sem munição. Mas ainda assim, acertou. O elegante terno italiano foi de encontro à lama, manchada de sangue.

No bolso interno do casaco dele, os dois cilindros azuis que Lucile me deu na noite do Tchaikovsky. The Sleeping Beauty. Arrastei-me como um zumbi até o buraco no túmulo. As duas irmãs haviam sentado Lucile de joelhos, e a cabeça dela pendia meio morta sobre os ombros. Limpei o buraco no peito dela e inseri os cilindros novamente. Fechei a tampa, sentindo a textura macia daquela pele tão etérea.

“Acho que logo ela vai ficar bem”, disse a menorzinha, afastando a franja molhada do rosto redondo e inocente.

“Espero que sim. Levem ela para um lugar quente e seco. Tenho essa caixa para entregar.” Tomei a caixa de Karen nos braços e senti o quanto ela era pesada. Como ela disse mesmo?

“Você já teve a sensação de que tudo o que você realmente vive é tão frágil que cabe dentro de uma caixa?”

Fui embora com a caixa debaixo do braço.

O escritório estava agitado àquela manhã, mas eu estava mais tranquilo agora. Quando passei pelos corredores, as pessoas não entendiam porque eu estava levando embora todas as minhas coisas numa caixa, mas outras já conseguiam entender o que aquilo significava.

“Jonatan! O que está havendo?”

Karen me abordou na frente da sala de reuniões vazia, e seu rosto expressava um certo espanto ao

me ver passando com aquela caixa.

“Eu pedi demissão.”

O que era só metade espanto conseguiu ser um espanto inteiro. Karen arregalou os olhos e me chamou para um canto, onde, com um tom de voz mais baixo, perguntou por que raios eu estava fazendo aquilo agora que estavam fechando mais um contrato.

“Fizemos um bom trabalho com o Grupo Saicom e acho que minha missão na empresa está cumprida. Posso ir sem peso na consciência. Quero procurar algo novo, passar por uma nova fase.”

“Não faz sentido, Jonatan. Você estava indo tão bem.”

“A verdade é que eu já estava sendo consumido pelo trabalho. Eu não conseguia mais viver a realidade, com tantos códigos e relatórios na minha cabeça. Uma hora ou outra isso tem que sair e nem sempre é muito agradável, sabe? Então... eu estou indo... Mas o nosso encontro na sexta continua marcado.”

Dei um meio abraço em Karen, já que estava com uma mão ocupada segurando a caixa. Beije-a no rosto e segui pelo corredor para fora da empresa.

Quando acordei na manhã em que pedi demissão, o despertador me interrompeu antes que eu devolvesse a caixa para Karen. Fiquei deitado, olhando para cima, pensando em tudo aquilo. O sonho fresco na cabeça. Se eu fosse a um terapeuta e contasse todos esses sonhos, o que ele me diria?

Depois de alguns minutos, ouvi uma musiquinha vinda da sala. Era o tal sonzinho irritante que eu ouvia todas as manhãs, e não conseguia identificar de onde vinha, mas eu sabia que não era do meu celular. O despertador do quarto menor era tão velho que não era possível que o som viesse dele. Fui atrás da fonte do ruído que eu já estava acreditava ser parte apenas de sonhos distantes.

Vinha da sala. Da estante? Debaixo da mesa? Parecia vir do sofá. Levantei as almofadas e encontrei um celular vibrando. Era o celular pessoal do meu irmão que havia desaparecido, mas agora eu sabia que ele havia esquecido na minha casa; estava dentro do meu sofá o tempo inteiro.

Curioso. O toque do despertador que ele usava era Sleeping Beauty. Tchaikovsky.

Epílogo

Era uma vez

Um sábio chinês

Que um dia sonhou

Que era uma borboleta

Voando nos campos

Pousando nas flores

Vivendo assim

Um lindo sonho

Até que um dia acordou

E pro resto da vida

Uma dúvida

Lhe acompanhou

Se ele era

Um sábio chinês

Que sonhou

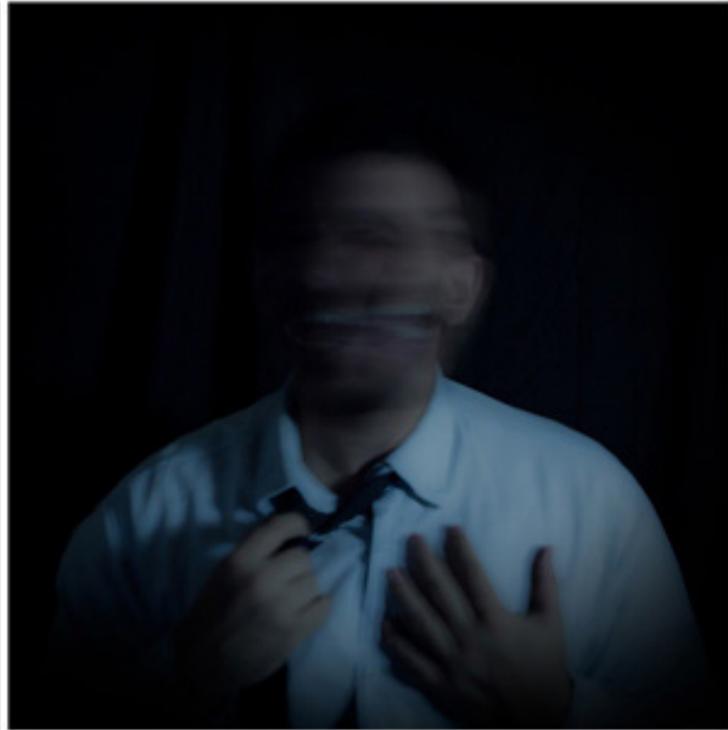
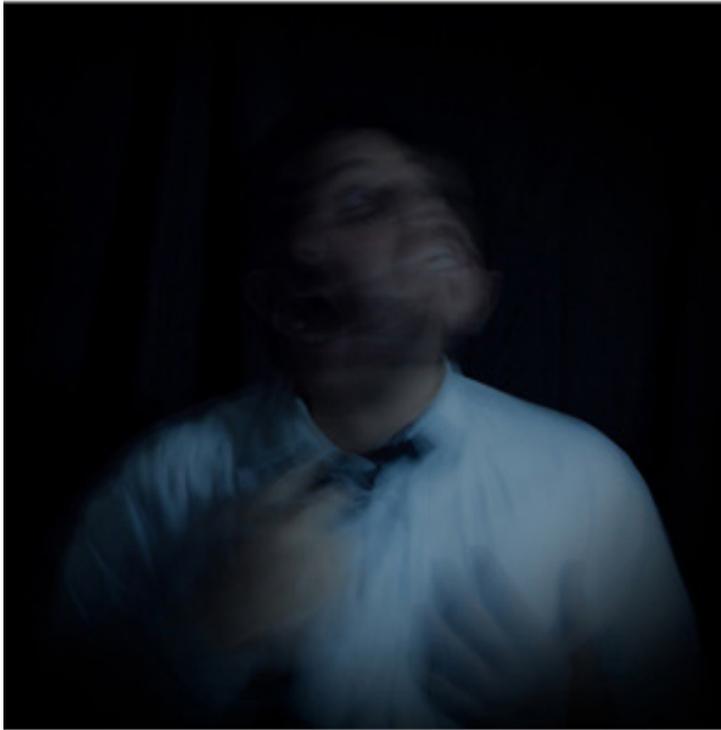
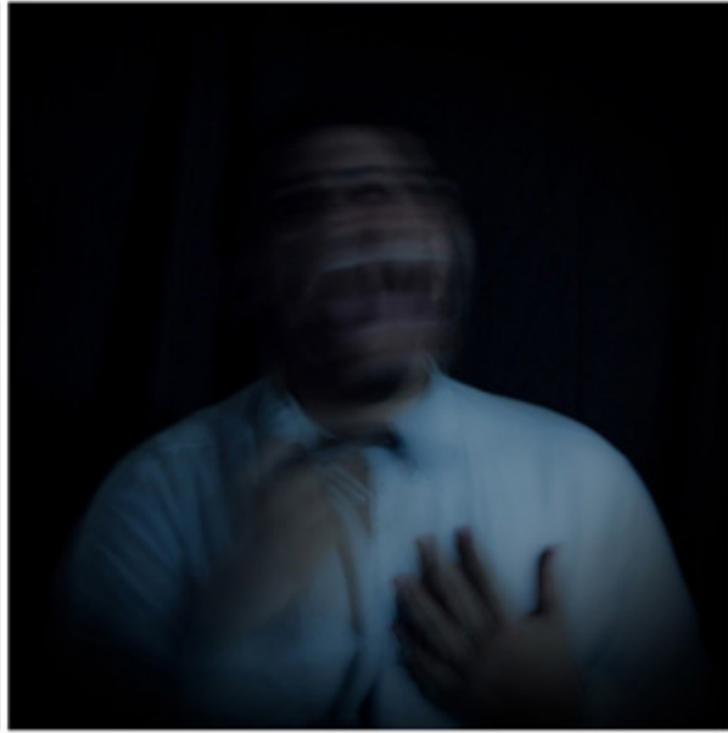
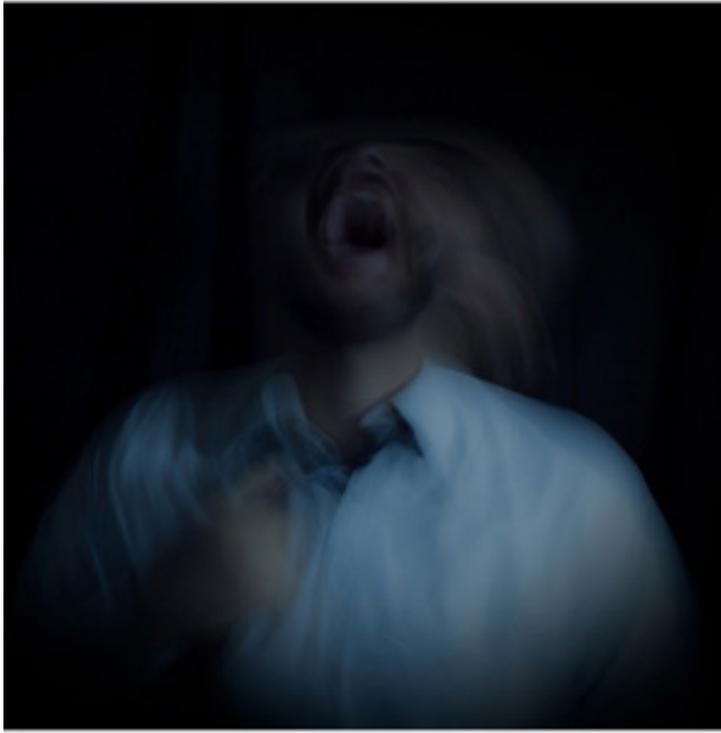
Que era uma borboleta

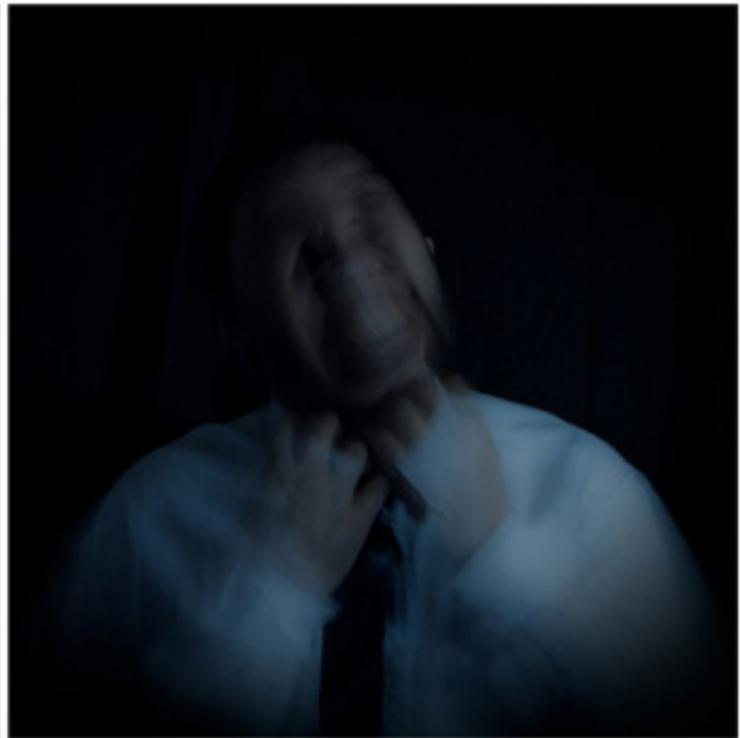
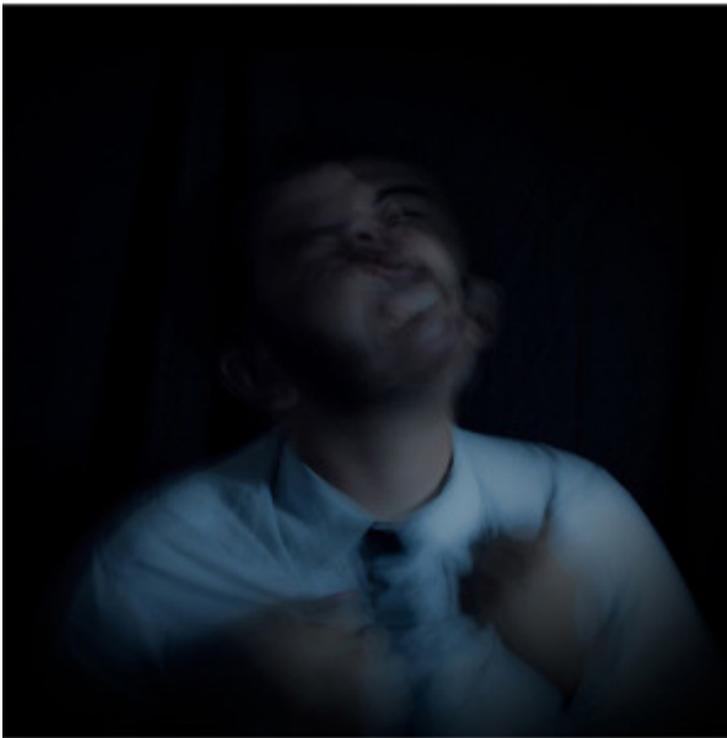
Ou se era uma borboleta

Sonhando que era

Um sábio chinês

- Raul Seixas, O Conto do Sábio Chinês.





Extras

Antes mesmo de se chamar Hipersonia Crônica, quando ainda estava em processo de produção, esta história inicialmente foi pensada para ser um livro ilustrado.

A minha ideia era contar a história de Jonatan enquanto as ilustrações do meu amigo Douglas Reis ficariam com a tarefa de transportar o leitor para o ambiente surreal e embaçado do mundo dos sonhos. E o estilo de Douglas seria perfeito para isso: ele é capaz de traduzir em traços as visões mais insanas de mundo.

O tempo passou e ficou curto demais para tantas coisas que eu e ele queríamos fazer. Acabamos concentrando nosso trabalho em dupla para outro projeto mais audacioso (um romance de fantasia ilustrado) e Hipersonia Crônica acabou evoluindo para uma história só com letrinhas.

Então eu decidi fazer uma segunda edição deste e-book e pensei: por que não mostrar algo novo para os leitores? Conversei com o Douglas e ele topou resgatar as ilustras que ele fez na época com o concept de personagens e esboços de cenas para os extras desta edição.

E essas são algumas das ilustrações exclusivas e inéditas que você vê a seguir: os bastidores da criação desta história em seus primórdios. Espero que gostem.





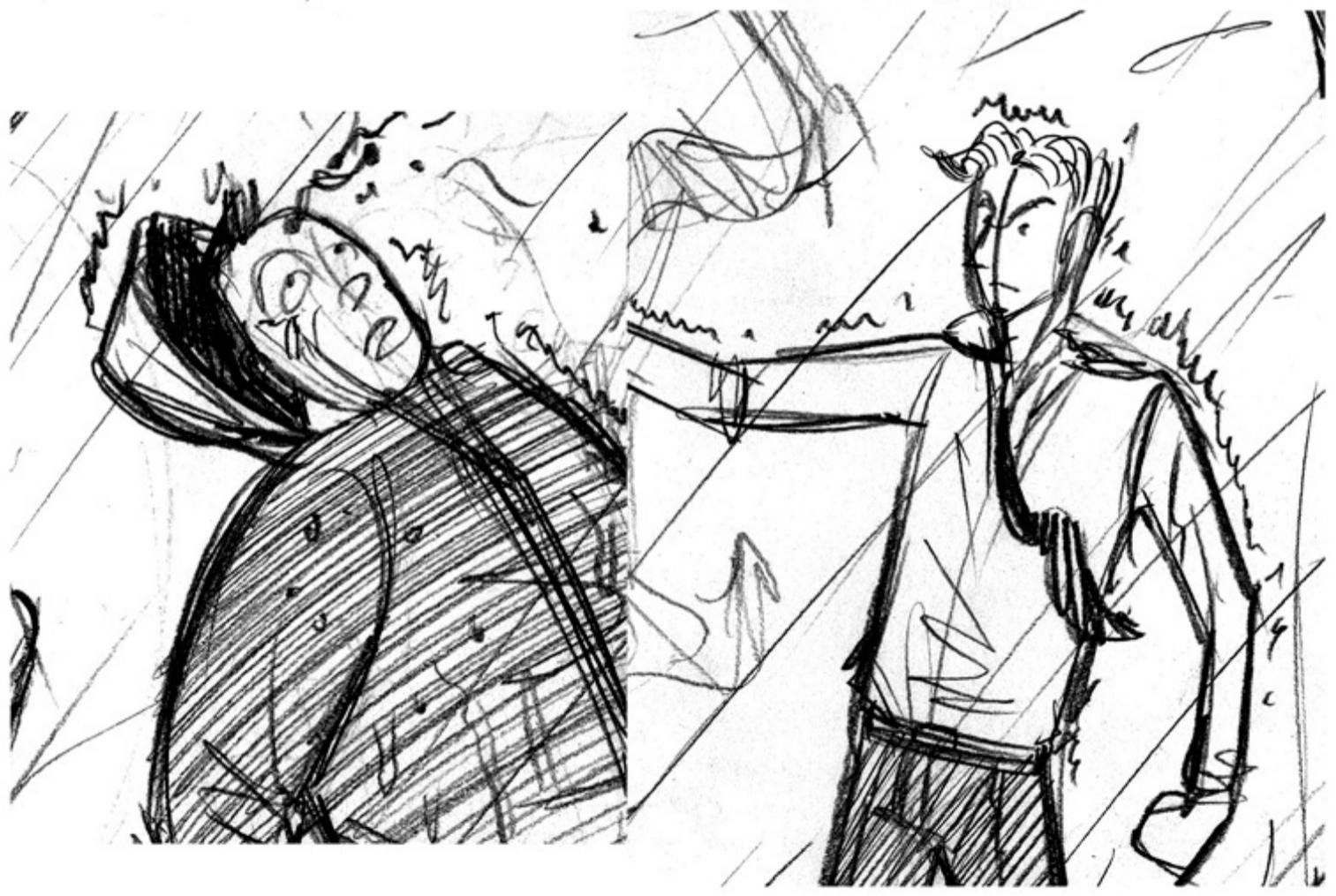
Superficies
dentro do plano.

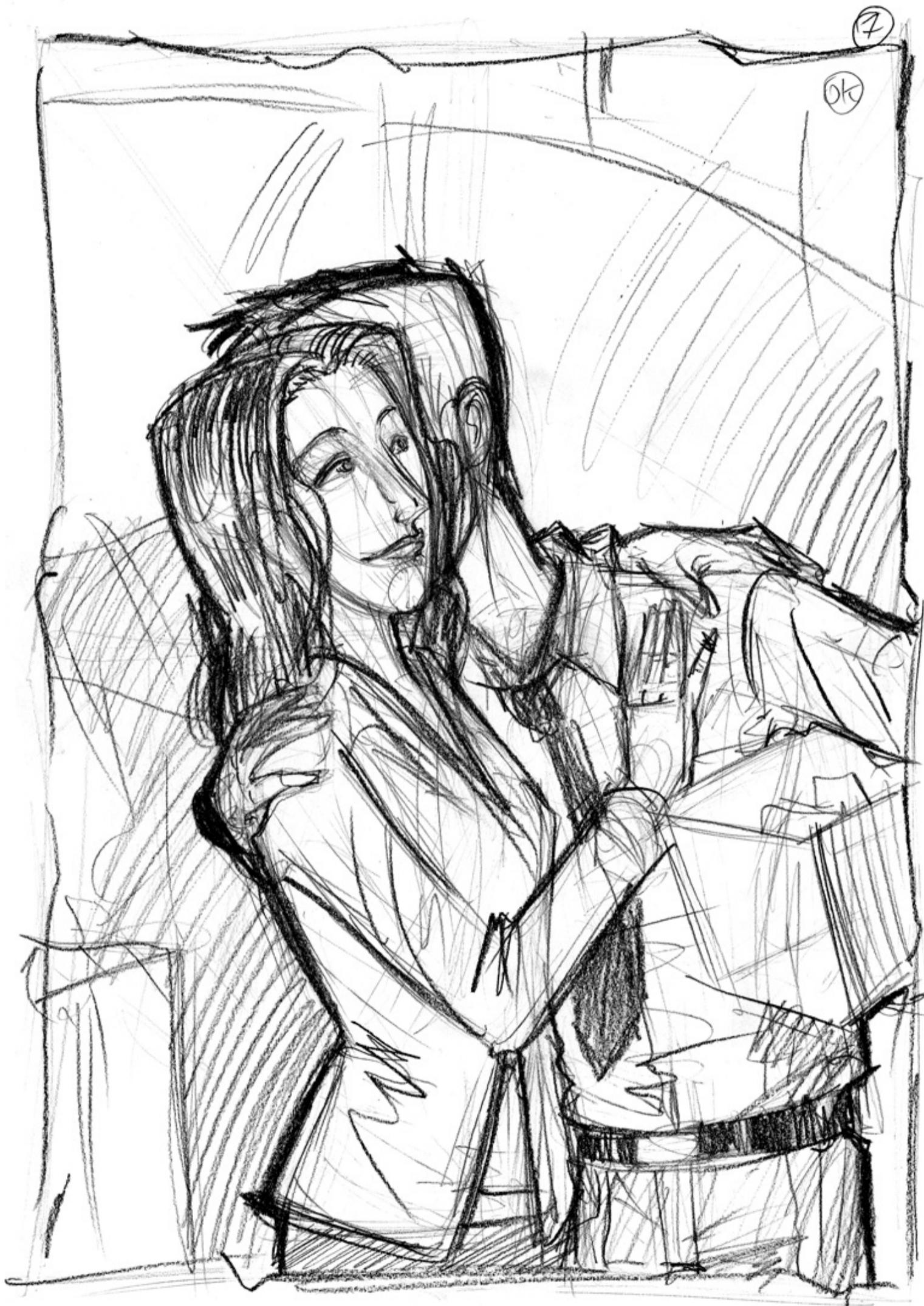
3



ok







Agradecimentos

Se você chegou até aqui, só tenho a agradecer a você.

Este foi o primeiro conto que escrevi e publiquei, no qual coloquei muito, mas muito mesmo de mim. Sonhos que eu tive, situações que eu vivi, coisas que eu queria que acontecessem. Aprendi muita coisa escrevendo este conto. Experimentei tantas outras. Algumas deram certo, outras nem tanto. Se você leu esse livro, agradeço por você, de alguma forma, ter feito parte disso. Porque uma história só fica pronta de verdade quando é lida por alguém. Então: obrigada.

Obrigada também a todas e todos que leram a primeira edição, com uma capa feinha e improvisada, um monte de erros de português (que tentei, ao máximo, consertar nesta edição) e um monte de coisas legais a menos (como uma capa muito bem feita, ilustrações exclusivas, um epílogo que dá sentido a toda história e um prefácio para deixar a sociedade chorando de inveja) e que mesmo assim gostaram. Que me deram feedback. Que baixaram a edição pagando com um tweet, ajudando a divulgar o meu trabalho. Tenho que agradecer ainda mais àquelas e àqueles que, mesmo já tendo lido o conto de graça, fizeram questão de pagar um valor simbólico por esta edição.

Agradecimentos ao Marcos Felipe, que fez essa capa incrível que vocês viram aí, mostrando que, além de um diretor de arte com um puta talento e bom gosto, também é um baita modelo fotográfico. Por todo suporte que ele me ofereceu durante a escrita desta e de tantas outras histórias. Por ser o ouvinte fiel de todos os sonhos alucinados que eu tenho e conto para não esquecer. Por estar na minha vida, o que, por si só, já é bão demais da conta.

Agradecimentos ao Douglas Reis, ilustrador que fez parte deste projeto desde o início, quando ainda era outra coisa antes de ser o que você tem em mãos agora. Por todo o seu empenho criando arte conceitual e os esboços que você viu na seção “Extras”, em uma época em que o tempo era escasso (fazíamos faculdade à noite), mas a nossa teimosia em criar projetos mirabolantes era imensa. Por dividir comigo outro projeto brilhante que, assim espero, você também possa ver um dia.

Agradecimentos ao Alex Luna, escritor que muito admiro, por ser meu consultor e mentor em tudo quanto é coisa que escrevo. Por ter paciência para ler todas as ideias e histórias que eu tenho o atrevimento de mandar para ele. Por ter o atrevimento de me mandar os escritos dele também. Por ter aceito escrever um Prefácio para esta segunda edição, que ficou da pontinha da orelha de maravilhoso e quase me levou às lágrimas quando chegou no meu e-mail.

Obrigada, obrigada, obrigada. Vou sonhar com todos vocês.

Contato

Gostou da história? Mande um e-mail me dizendo o que você achou, vou apreciar muito:

escreva@alinevalek.com.br

Conheça meus outros contos e textos no meu blog, sua visita será sempre bem-vinda:

alinevalek.com.br/blog